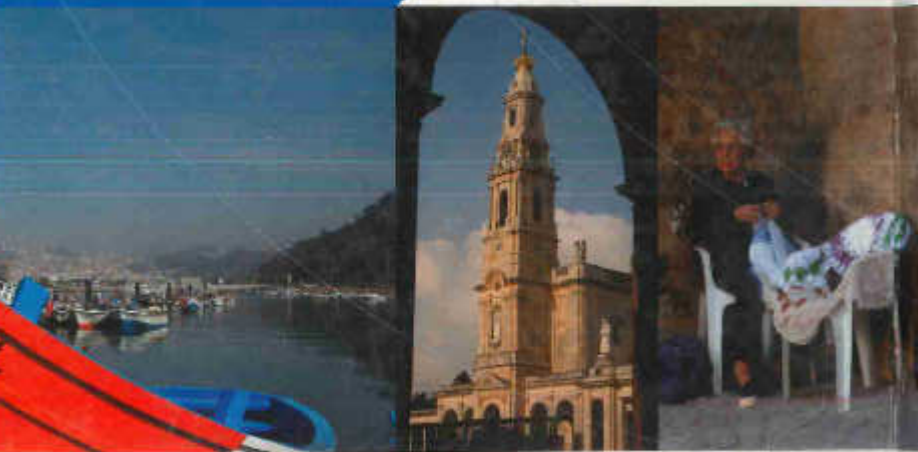




Pensar a Região de Leiria

# Pensar a Região de Leiria



908  
LEI  
49  
A



**iPL**  
INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE LEIRIA



IPL



Actas do congresso pensar a região da Leiria.

Projecto de investigação

**identidade[s] e diversidade[s]**

As linhas com que se cosem as pertenças

908 / 11.21 / 2005

Ricardo Vieira (coord.)

# Actas do Congresso "PENSAR A REGIÃO DE LEIRIA"

Edição compartilhada por  
ESEL – Escola Superior de Educação de Leiria  
IPL – Instituto Politécnico de Leiria  
Governo Civil de Leiria

**Título:** Actas do Congresso "Pensar a Região de Leiria"  
**Coordenador:** Ricardo Vieira  
© 2005, Escola Superior de Educação de Leiria e autores  
**Revisão:** Maura Mendes  
**Edição:** Escola Superior de Educação de Leiria e Edições Afrontamento  
**ISBN Edições Afrontamento:** 972-36-0751-4  
**ISBN Escola Superior de Educação de Leiria:** 972-95207-2-0  
**Depósito legal:** 220289/04  
**Execução Gráfica:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
Janeiro de 2005



Edições Afrontamento  
Escola Superior de Educação de Leiria

# IDENTIDADES LOCAIS NOS MASS MEDIA – UM ESTUDO DE CASO

*Susana Henriques*

Socióloga

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Leiria  
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – ISCTE

## INTRODUÇÃO

Partindo de uma concepção dinâmica da identidade, considera-se aqui a construção identitária como o conjunto de processos sociais complexos que “levam o homem a ser aquilo que é, a agir, apresentar-se e autopercepcionar-se de determinada forma”.<sup>1</sup> Os modelos de construção identitária assim considerados, procuram afastar-se quer do essencialismo (a identidade como algo pré-determinado), quer da fragmentação (a identidade como algo fluido).

Nesta proposta, são processos relacionais e culturais que servem de referência à produção de identidades. “Processo relacional, porque é resultado e componente do relacionamento entre as pessoas, e porque a definição de cada «nós» só se faz por relação de demarcação face a «outros», de quem nos distinguimos ou a quem nos opomos. Processo cultural, porque envolve imagens e categorizações do universo social, sentimentos e valorações a respeito dos seus componentes, formas de expressão e códigos comunicacionais, símbolos de identificação e práticas carregadas de simbolismo identitário...”.<sup>2</sup> Como tal, a identidade deve ser vista como uma (re)construção permanente, flexível e dinâmica. Daqui resulta um “caleidoscópio de identidades” que desmultiplicam nos indivíduos a sua condição de duplamente polarizados no seu individualismo e em pertenças grupais, comunitárias, societais.<sup>3</sup>

Neste sentido, considera-se que a identificação se faz por diversas vias, por vários fluxos: económicos, sociais, comunicacionais, culturais, etc. É a coexistência deste tipo de diversidades que, unidas, permitem perceber uma determinada construção social – as identidades locais. Assim, a pertença a um bairro onde se habita é uma das várias categorias de pertença em que cada indivíduo vai construindo e reconstruindo a sua identidade ao longo da vida.

<sup>1</sup> Pereira, I. (2002:107).

<sup>2</sup> Costa, A. (1992:52).

<sup>3</sup> Conde, I. (1998).

Outro dos elementos que influenciam o processo identitário é a comunicação social. A informação mediatizada resulta de um processo de construção discursiva mas que, simultaneamente, é reintegrado no contexto social. Assim, a informação nos *mass media*, como transmissão de mensagens acerca do real, contribui para a noção que os receptores possuem desse real – tendo em conta que os processos de produção e os processos de recepção de mensagens são socialmente influenciados.

## COMUNICAÇÃO SOCIAL E IDENTIDADE

A relevância dos *mass media* e a quantidade de informação disponível nas sociedades contemporâneas é indiscutível (para Wiener<sup>4</sup>). Todavia existe um aspecto que merece um pouco mais de atenção: a interacção entre as técnicas de comunicação e o contexto social em que elas intervêm. Ou seja, os *mass media* fazem parte do mundo social e este é susceptível de uma multiplicidade de significações por parte dos sujeitos receptores.

Podemos então considerar que na produção da notícia sobre um acontecimento actuam três aspectos fundamentais:<sup>5</sup> a estrutura do *medium* (burocrática, organizacional, técnica, etc.), os valores-notícia (critérios de recolha, selecção e produção das notícias) e o enquadramento (actua no momento da construção da narrativa através de elementos facilitadores da interpretação por parte dos públicos: introdução de novidades, dramatização, negatividade, personalização, etc.). Daqui resulta que a informação jornalística não espelha a realidade, antes ajuda a construí-la como um fenómeno social partilhado na medida em que o processo de descrição de um acontecimento o define e lhe dá forma. Ou seja, os meios de comunicação social geram universos simbólicos que servem de referentes para as sociedades.

Daqui resultam imagens estereotipadas de diversos fenómenos patentes numa certa homogeneidade no seu tratamento. Klapper<sup>6</sup> defende mesmo que "alguns tipos de comunicação, concernentes a alguns tipos de problemas, levados à atenção de alguns tipos de pessoas, sob determinados tipos de condições, produzem algum tipo de efeito".

## ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Partindo desta questão da imagem das identidades locais nos meios de comunicação social de massa (nacionais e regionais), apresenta-se um estudo de caso, como ilustração. Este, foi elaborado a partir de um projecto de intervenção sócio-cultural, o

<sup>4</sup> Citado por Breton, P. (1992).

<sup>5</sup> Ponte, C.; Cabrera, A.; Santos R. (1998), *Representações da Toxicodependência – Imagens da Toxicodependência nos Media: análise do discurso jornalístico*, Lisboa, Observatório Vida (Policopiado) – Ver Ponte, C.; Cabrera, A.; Santos R. (1998).

<sup>6</sup> Klapper, in Eco, U. (1987).

Plano Integrado de Intervenção, desenvolvido no âmbito de uma associação de desenvolvimento, ADE.SER – Associação para Desenvolvimento Económico e Social da Região da Marinha Grande – num bairro social da Marinha Grande.

O ponto de partida deste projecto foi a constatação das necessidades locais – que podem ser encaradas como ameaças para a própria comunidade local – e, por isso, procuraram desencadear-se medidas no âmbito da própria localidade. Estas respostas de nível micro revelam-se mais eficientes porque conseguem mobilizar recursos que as acções de nível macro dificilmente conseguiriam. De entre estes recursos podem destacar-se as forças locais cuja dinamização permite o estímulo necessário às iniciativas de intervenção.

No âmbito do Plano de Intervenção proposto para o Bairro Casal de Malta as necessidades que a nível local se fizeram sentir tinham essencialmente a ver com os problemas de estigmatização geral da população do bairro ligados aos fracos recursos sócio-económicos e culturais, o consumo abusivo de substâncias ilícitas e ainda problemas de racismo. Propunha-se então, um duplo objectivo: a alteração da imagem exterior do bairro e a prevenção de situações de risco geralmente na origem dos consumos abusivos.

Na análise da forma como os media trataram uma intervenção numa zona socialmente problemática e do impacte desse tratamento, a partir de um caso concreto, a estratégia metodológica de observação definida foi intensiva. O campo de observáveis encontra-se delimitado à partida entre as notícias da imprensa escrita regional e a transmitida na televisão em Outubro de 1995.

## O BAIRRO E O PLANO DE INTERVENÇÃO NAS NOTÍCIAS

### *A imprensa:*

As notícias resultantes da apresentação das actividades da ADE.SER na imprensa escrita regional deram todas um certo destaque ao Plano Integrado de Intervenção no Bairro Casal de Malta. Acentuando na generalidade, umas mais do que outras, aspectos ligados à droga.

Distinguindo as notícias com base no seu conteúdo podemos identificar quatro grupos:<sup>7</sup>

- Grupo I – 4 notícias sobre os projectos da ADE.SER;
- Grupo II – 1 notícia de reacção à reportagem da TVI;
- Grupo III – 1 notícia de resposta à notícia (grupo II) de reacção à reportagem da TVI;
- Grupo IV – 1 notícia de resposta à notícia (grupo III) de resposta à notícia de reacção à reportagem da TVI;

<sup>7</sup> Durante a segunda metade do mês de Outubro os jornais onde apareceram estas notícias foram: O Correio, Jornal da Marinha Grande, O Jornal de Leiria e o Região de Leiria. O jornal que mais destaque deu ao assunto foi o Jornal da Marinha Grande onde surgiram as notícias integradas nos grupos II, III e IV.

Nas notícias do Grupo I importa não esquecer que resultam de uma estratégia de comunicação, com objectivos definidos e conscientes de criar formas e oportunidades em tempo e espaço, para fazer a apresentação da associação através das suas actividades – a ADE.SER como fonte de informação. Importa ter em conta que a cobertura jornalística não é neutra, antes comprometida com pontos de vista particulares sobre os vários acontecimentos, promovendo determinadas perspectivas em detrimento de outras.

Neste sentido, há dois aspectos principais a destacar nas notícias deste grupo. Por um lado, seguiram-se os dados de suporte distribuídos, tendo mesmo sido destacadas e citadas algumas ideias. Por outro, foram feitas referências à situação do bairro – mencionando desemprego, droga, prostituição, miséria – que só podiam resultar da partilha da ideia generalizada de uma dada imagem estereotipada daquele bairro (e dos bairros sociais em geral).

Ora, era precisamente essa imagem que constituía o ponto de partida para o desenvolvimento deste projecto de intervenção. Assim, o objectivo era o de alterar esta imagem para uma mais positiva através da dinamização e valorização das potencialidades existentes.

O primeiro aspecto referido significa<sup>8</sup> que antes da apresentação aos jornalistas se tinha antecipadamente traçado a ocorrência, trabalhando-a sistematicamente segundo critérios de noticiabilidade adequados. O segundo aspecto significa que o jornalista é um agente activo na produção da notícia que adequa a informação aos objectivos da organização noticiosa – formatos, rotinas, agenda, especialização temática, interesses individuais do próprio jornalista, etc. Daqui resulta que o jornalista após a selecção de acontecimentos, produz a notícia segundo normas relativamente definidas.

Os interesses das fontes de informação e dos jornalistas podem ser comuns ou antagónicos, o que pressupõe um esforço permanente de luta, negociação. Se isto se pode ver no primeiro grupo de notícias nos restantes a visibilidade é ainda maior.

A maior parte da informação que conhecemos tem origem nas notícias dos jornais ou da televisão. Na maioria das vezes não há possibilidade de verificar os acontecimentos e aceitamos a forma como os meios de comunicação social os relatam.

Concretamente no caso em análise o que se passa é que foi apresentada uma reportagem televisiva sobre uma realidade bem conhecida da população envolvente. Daí a forte reacção do jornal local através da figura do seu director que tem ainda outro tipo de ligação àquele bairro, já que um familiar próximo trabalha na escola. Reacção esta partilhada pela generalidade dos actores sociais com implicações no bairro – Directora e professoras da escola, moradores (apesar de não se terem expresso por escrito no jornal).

Nesta linha também se pode entender a resposta de um leitor a esta reacção, valorizando antes o papel dos meios de comunicação na identificação, retrato e denúncia de problemas sociais. Trata-se de um leitor que se identifica como sendo da Marinha Grande e conhecendo a realidade do Casal de Malta, mas que vive longe. Este afasta-

<sup>8</sup> Santos, R. (1997).

mento pode facilitar esta predisposição para aceitar como "realidade" aquela que foi apresentada na reportagem televisiva, tal qual foi apresentada.

Quanto às dúvidas expressas pelo director do jornal relativamente à actuação da Câmara Municipal e da ADE.SER revelam o carácter activo do papel do jornalista na produção da notícia, atrás referido. Parece pois, bem patente a luta entre os interesses individuais do jornalista e o enquadramento da notícia.

O que fica aqui bem expresso é uma dialéctica constante entre aquilo que é apresentado pelos *media* que implica enquadramentos, a recontextualização dos acontecimentos e aquilo que é a realidade vivida no terreno. O que leva alguns autores<sup>9</sup> a considerar a notícia como uma construção mediática da realidade.

#### *A televisão:*

Na notícia de televisão há dois aspectos principais que merecem destaque. O primeiro é o facto de se tratar de um bloco noticioso composto por duas notícias distintas. O segundo tem a ver com o desfazamento entre o projecto que era suposto apresentar e a reportagem efectuada.

A televisão é, hoje, um poderoso meio de informação. A linguagem televisiva permite ler uma história através de imagens visuais. Imagens que podem ter no receptor um impacto devido ao seu conteúdo e forma – cortes e planos que resultam numa série de operações de selecção, esquematização, combinação, transformação, condensação.

Um telejornal reúne aspectos das linguagens do cinema e da rádio, mas assenta as suas mensagens jornalísticas nas técnicas redactoriais da imprensa. Isto é, obedece mais às regras do jornalismo em que o texto pivot funciona como título.

A informação em televisão deve "prender" o espectador, no pouco tempo de que se dispõe a contar a "história". Há, por isso, quem defenda a necessidade de a notícia ser agressiva, rápida, persuasiva e objectiva. Isto significa "prender" pela emoção.

Nesta linha, em televisão, a imagem (audiovisual) é que deve contar a história. O que faz com que, num telejornal, "mostrar" seja mais importante do que "dizer" – mas palavras e imagens andam juntas, reforçando-se mutuamente. No audiovisual, as palavras têm a função de explicar o que as imagens mostram e não podem completar. "Informar mostrando".

As mensagens jornalísticas têm de despertar e manter a atenção do espectador; este tem de compreender a mensagem e acreditar nela como acredita na própria realidade vivida porque a informação jornalística não comporta ficção. O telespectador deve encontrar relação entre o que vê e ouve com a sua vida. A mensagem deve, assim, estar ajustada ao esquema de valores éticos, morais, políticos, religiosos e económicos.

A informação televisiva é a imagem mais a explicação fornecida por esse mediador que é o jornalista, que se dirige ao público e com ele dialoga. Escrever para um telejornal implica pois, ter em conta as imagens e os sons que serão vistas e escutados por milhares de pessoas de todas as condições sociais em todo o país.

<sup>9</sup> Idem.

O carácter superficial e descontínuo dessa informação pode impedir que o público compreenda os problemas sociais. A reportagem tende a concentrar-se sobre um aspecto de um problema importante, mais do que sobre um problema na sua totalidade. Aspecto agravado pelo facto das diferentes fases como a selecção, recolha e cobertura de um acontecimento serem feitas por pessoas diferentes.

A reportagem televisiva permite ainda aos actores, que somos todos nós, exprimirmo-nos.

Esta perspectiva desenvolvida por Victor Lopes<sup>10</sup> parece ajudar a compreender o campo de inserção da notícia em análise. A notícia apresentada pelo noticiário da TVI devia apresentar um Plano Integrado de Intervenção a desenvolver num bairro social da Marinha Grande. Ao contrário, invertendo todos os propósitos do projecto, apresentou uma "mancha" de droga, miséria social, degradação moral, etc.

Uma notícia desta natureza parece assim confirmar aspectos referidos ao nível da conquista da atenção do telespectador através do poder da imagem reforçado pelo comentário verbal com objectivos ao nível da emoção. Este aspecto é reforçado pela possibilidade de expressão dada aos personagens comuns, pois facilita a relação de proximidade e identificação com o telespectador.

A apresentação da informação descontextualizada e recontextualizada pela notícia de forma parcial não facilita a compreensão do fenómeno da droga. Ainda um outro aspecto a destacar, neste contexto, é o carácter intercalado das intervenções dos jornalistas (pivot e repórter) que criam uma ilusão de diálogo com o telespectador e simultaneidade com o acontecimento.

Fazendo um certo paralelismo com algo que foi referido a propósito da análise da imprensa, e para concluir este ponto. Também aqui se podem identificar divergências acentuadas entre os intuitos dos actores sociais que se propuseram apresentar um acontecimento (funcionando como fontes, neste caso) e o tratamento dado pelos jornalistas a esse evento. É relativamente pacífico aceitar que para fontes e jornalista as estratégias são diferenciadas, os objectivos divergentes e as rotinas específicas. No entanto, esta apresentação afastou-se tanto daquilo que era proposto que gerou alguma conflitualidade que quase colocou em causa a realização do próprio projecto – nessa altura ainda em fase inicial.

## AS REACÇÕES

No caso da imprensa, tal como foi referido, tratou-se de uma estratégia de comunicação com objectivos definidos no sentido de criar tempo e espaço para fazer a apresentação das actividades da Associação. Para tal, convocou-se uma conferência de imprensa onde se reuniram os jornais e rádios locais.

Com a televisão as coisas passaram-se de forma bem diferente. Diferenças que comecem logo pelo sentido da iniciativa, que neste caso partiu da própria TVI. Diante desta

proposta foi explicado à jornalista não ser a altura ideal para uma apresentação desse tipo – recorde-se que a fase era preliminar, mal se tinham iniciado os contactos com a comunidade local, o projecto estava em fase de *apresentação*.

Apesar destes factos, a jornalista argumentou que a reportagem tinha de ser feita, quer a ADE.SER colaborasse, ou não. Feito o balanço pareceu menos mau colaborar com uma entrevista que teve a duração de aproximadamente 15 minutos para cada uma das duas sociólogas. Das muitas questões colocadas acerca da droga – existência ou não, números, situações associadas como marginalidade, prostituição, etc. – resultaram outras tantas respostas no sentido de explicar que: a) o objectivo do projecto era ao nível de situações prévias a essas; b) a imagem do bairro estava demasiado estigmatizada para nos permitirmos a comentá-la sem um estudo de caracterização da população a efectuar oportunamente.

Desta recolha de informação o resultado foram dois pequenos excertos inseridos numa reportagem que parece retratar a realidade de um bairro de droga e miséria. Imagem reforçada por outros depoimentos de rua, de adultos e crianças.

Após esta breve descrição do contexto de produção da mensagem pode então passar-se a outro nível.

Na imprensa a mensagem apresentou-se basicamente tripolarizada. Por um lado, as notícias que se limitaram à descrição das actividades propostas pela ADE.SER; por outro lado, aquelas que além desta descrição continham algumas considerações sobre o bairro e a droga; finalmente, um terceiro grupo de notícias desencadeadas pela reportagem televisiva e onde quase não aparecem referências ao projecto.

Na televisão a mensagem foi produzida segundo uma lógica que acabou por traduzir a sobrevalorização das situações ligadas à droga. Aspecto que se sobrepôs à verdadeira motivação da reportagem: a apresentação de um projecto a desenvolver num bairro social com objectivos de promover as características positivas daquela população.

Apesar deste bloco (como atrás referido) ser composto por duas notícias perfeitamente distintas entre si – ou apenas ligadas pelo espaço de referência: Bairro Casal de Malta – podem identificar-se algumas regularidades. A primeira é uma certa homogeneidade no discurso jornalístico. Discurso que é, de certa forma, corroborado pelos depoimentos recolhidos na rua.

Este aspecto é tanto mais acentuado se se tiver em atenção o discurso dos técnicos. A este nível parece haver uma descontinuidade, como se não falassem do mesmo assunto, como se tudo não passasse de uma montagem onde se tivessem inserido entrevistas ao acaso, sem grandes preocupações ao nível da adequação. De facto, o que parece é que naquele cenário (tal como é apresentado) a prevenção primária parece chegar demasiado tarde.

Muito provavelmente terá sido por isso que o projecto foi referido na reportagem como um "combate sem tréguas, em todas as frentes" – no mínimo, diante daquela situação!

A partir da experiência das entrevistas aos técnicos pode pensar-se da mesma maneira em relação aos personagens comuns. Que depois de uma série de entrevistas seleccionaram-se apenas aquelas que cumprissem o propósito da notícia: mostrar um

<sup>10</sup> Lopes, V. (1992).

dos bairros onde a droga e situações associadas a este fenómeno são uma constante na vida de todos quantos lá vivem.

O impacte da mensagem num meio particular – socialmente frágil, alvo de intervenção.

Se a análise das notícias colocadas, num plano analítico, nos Grupos III e IV deram já algumas pistas para o entendimento desta questão, sem repetir o que se referiu, importa acrescentar ainda alguns aspectos. Trata-se de reacções a um outro nível. Por um lado, mais informal, e que poderiam colocar todo o projecto em causa; por outro, mais formal dos responsáveis máximos pelo Programa Integrado de Intervenção.

Mas antes de avançar com estas reacções, importa contextualizar o surgimento da notícia para ajudar também a perceber estas reacções. Tinham sido transmitidas reportagens sobre a Marinha Grande, com grande tónica em aspectos negativos. A propósito de uma fábrica de vidro em vias de encerramento foram feitas algumas reportagens em que se dava conta do desespero de famílias em que pelo menos um ou os dois cônjuges lá trabalhavam; conseqüentemente era o comércio que também sentia a baixa; numa cadeia de desgraças quase interminável. Esta situação de crise esteve na origem de protestos que acabaram por originar conflitos entre populares e as forças policiais. E mais uma vez reportagens.

A centralidade do factor *droga* e o destaque que mereceram os aspectos negativos de uma forma geral na reportagem realizada em Casal de Malta foram factores decisivos na reacção que está por de trás da notícia que aparece no jornal local (Grupo III).

Passando agora às reacções de âmbito mais informal. Trata-se de reacções, comentários expressos verbalmente imediatamente após a transmissão da reportagem.

Um dos primeiros foi o da Directora da Escola do bairro. Esta, mostrou-se muito "chocada"<sup>11</sup> com a imagem do bairro onde está colocada há 8 anos e pelo qual criou um carinho ao ponto de não pretender a transferência, apesar de residir em Leiria. Algumas das crianças que, ao acabar o primeiro ciclo, mudam de escola continuam a passar por lá, para conversar. "Custa-lhes romper os laços e vão passando para falar das suas dificuldades, ganhos, enfim, da sua realidade".

Outro dos aspectos que a Directora da escola referiu foi o facto do pai, que mora geograficamente distante, lhe ter telefonado todo "alarmado" com o ambiente em que a filha trabalha e que classificou de "muito perigoso".

As reacções informais da população que se pretendia empenhar no projecto logo desde o início, foram as mais complicadas de gerir. Pediram explicações sobre a responsabilidade da reportagem e a orientação do seu conteúdo. E custou-lhes muito a aceitar a forma como os factos se tinham passado.

Só à medida que o trabalho foi avançando, que foram vendo as actividades realizadas, que se foram dando conta do entusiasmo dos filhos é que foram admitindo que a acção ali desenvolvida era válida e merecia o seu apoio.

<sup>11</sup> Expressões utilizadas pela própria Directora da Escola do Primeiro Ciclo do Ensino Básico do Casal de Malta – P3.

Quando já havia várias actividades em curso e desenvolvidas eram frequentes os comentários que diziam "agora é que devia vir a TVI!".

A um outro nível houve reacções institucionais – Câmara Municipal: Vereadores e Presidente entre outras individualidades – que congratularam a Associação pelo facto de estar a preparar uma intervenção num local que ainda era mais necessitado do que inicialmente pensavam. E mais ainda porque se denunciou uma situação muito grave, de cuja gravidade a maioria dos marinhenses nem se chegava a aperceber. Esta denúncia podia ainda ajudar a angariar apoios (diversos) para uma causa que ganhava visibilidade e assumia importância.

Nesta fase particularmente agitada pela reportagem televisiva, o papel dos meios de comunicação locais – jornais e rádios – foi importante. Permitiram um espaço onde, através de entrevistas aos responsáveis pela Associação e pelo projecto, se pudesse esclarecer que tudo tinha acontecido à revelia da ADE.SER; sendo a responsabilidade inteiramente da TVI. Esta atitude era justificada como uma forma de manifestar discordância face a este tipo de jornalismo.

Trata-se de dois aspectos fundamentais para a compreensão deste fenómeno em particular, mas que também pode lançar pistas para outros de carácter mais geral.

## EM SÍNTESE

Retomando a questão central deste estudo, importa lembrar que gira em torno da interacção entre: a) processos de produção de mensagens em dois meios de comunicação – imprensa e televisão; b) processos de recepção dessas mensagens nos próprios contextos de referência. Para a compreensão desta questão impõe-se a análise de alguns aspectos mais particulares que resultam das propostas teóricas adoptadas e que visam constituir pistas a explorar.

Um destes aspectos prende-se com o facto da mensagem mediatizada, veiculada pela televisão e/ou expressa na imprensa, tender a ser percebida como evidência do real. No que respeita à generalidade das notícias produzidas a propósito do plano e transmitidas na televisão e jornais foi apresentada uma determinada imagem do Bairro alvo do projecto, bem como do próprio projecto sócio-cultural. Esta imagem corresponde ao estereótipo da comunidade exterior mas representa apenas uma parcela da realidade daquele bairro – por isso um dos objectivos propostos pelo plano era a inversão desta imagem. A selecção que presidiu à produção da notícia transmitida amputou parte da realidade. Daí resultando a apresentação de um "bairro-tipo", o que contribuiu para o reforço do estereótipo do Casal de Malta, acentuando as características de real evidente.

À percepção da imagem mediatizada como evidência do real aparece associada uma outra ideia: a especificidade do meio de comunicação através do qual a mensagem circula e respectivas implicações ao nível do impacte dessa mensagem. Isto é, existem especificidades nas mensagens televisivas e da imprensa ligadas ao próprio meio que as veicula e que introduzem variações ao nível das reacções do público receptor.

Algumas destas especificidades que podem ser apontadas de forma mais imediata referem-se, por exemplo, ao género jornalístico, que só na televisão é reportagem; à utilização da imagem mais referente ao bairro do que ao projecto, embora em alguns jornais (2) as fotografias sejam referentes ao projecto.

Importa no entanto lembrar que a informação que deu origem às notícias, para além da especificidade do *medium* foi recolhida em circunstâncias diferentes, o que dificulta a análise sob este prisma. Enquanto as notícias da imprensa escrita foram elaboradas a partir de uma situação criada de tipo "conferência de imprensa", as de televisão foram elaboradas no próprio bairro. Daqui resultou a possibilidade de complementar os comentários dos técnicos – única referência para as notícias escritas – com os de outros personagens comuns ligados ao quotidiano do bairro.

Seguindo a proposta teórica de Umberto Eco<sup>12</sup> no que se refere ao impacte de uma dada mensagem no receptor, importa salientar que no acto de recepção está implicada uma tendência para seleccionar a informação que mais afinidades tiver com o seu universo de referência. Neste sentido, o receptor pode ser aqui entendido como um conjunto alargado e heterogéneo.

Numa perspectiva teórica apenas semelhante na origem, Noelle Neumann<sup>13</sup> defende que a selecção que o receptor faz é orientada por uma percepção da ideia dominante, a seguir como condição para evitar o isolamento social. Tal atitude traduz o efeito "espiral do silêncio". É neste ponto que a perspectiva destes autores diverge.

Transpondo esta discussão para um plano mais concreto, relacionado com este estudo há que ter em conta o contexto específico e micro em que se insere. Partindo desta consideração, importa referir que (e remetendo para as reacções) o impacte das notícias foi marcadamente divergente considerando o meio de divulgação. As notícias televisivas suscitaram uma reacção manifestamente mais acentuada do que as da imprensa, o que pode ser entendido como uma diferença de impacte.

Isto tem que ver com dois elementos fundamentais: o *medium* e o receptor. Em relação a este último é possível identificar nas reacções uma selecção que obedece a critérios próprios e pessoais, mas onde é possível identificar dois tipos de orientação. Por um lado aqueles que defendem que a notícia da televisão serviu apenas para denegrir a imagem da Marinha Grande em geral e do Casal de Malta em particular, mostrando apenas o seu lado mais negativo; aqueles que, por outro lado, defendem que a notícia serviu para denunciar uma situação real e portanto que não se deve tentar ocultar ou disfarçar.

Neste caso foi possível ao receptor exercer a sua selectividade por se verificarem as duas condições consideradas por Noelle Neumann: ter opinião formada sobre o objecto da informação; ter acesso a uma variedade de informações e argumentos permitindo uma eleição.

Um segundo aspecto remete então, para um dos meios de comunicação social aqui envolvido, a imprensa. Tendo em conta o papel fundamental nas sociedades actuais da

televisão em geral e da informação televisiva em particular, alguns autores defendem que a imprensa teve necessidade de se adaptar, aproximando-se do modelo televisivo. Nesta linha se pode incluir a perspectiva de Victor Lopes, ao classificar a linguagem da imprensa como "linguagem escritovisual". Desta aproximação resultaria um impacte semelhante, independente do meio.

Ao nível deste estudo torna-se complicado avaliar este aspecto pelas especificidades já referidas. No entanto, como parece importante refira-se que duas das notícias de imprensa apareceram sem qualquer imagem. Um dos factores que podem ajudar a entender pode ser o de as notícias da imprensa se terem centrado mais no projecto, aparecendo o bairro como uma informação complementar e de enquadramento ao plano. É possível, contudo, identificar nestas notícias da imprensa que se referem ao bairro uma tendência generalizada para o referir nos mesmos moldes em que aparece na notícia televisiva (referência a situações de droga, miséria, etc.). Trata-se, de notícias menores, com menos imagens e sem as características da reportagem.

A televisão remete para um terceiro aspecto complementar da questão central. Para Umberto Eco<sup>14</sup> a televisão é um serviço de telecomunicações com especificidades que podem ir da maior autonomia expressiva às mais fortes exigências de consumo. É neste contexto que uma notícia em televisão é o resultado da interacção entre as exigências da comunicação jornalística e as especificidades do modo comunicativo televisivo. Daqui resulta uma reprodução dos factos reais acentuando o seu carácter imediato, desconexo e que implica a apresentação de imagens obedecendo a uma selecção e orientada por um relato que revela interpretação.

Reforçando o aspecto do "consumismo" na comunicação Ellis Cashmore<sup>15</sup> defende que o "one world" actual resulta da expansão das comunicações. O que comporta aspectos vantajosos e perigos. Perigos porque encoraja as pessoas a viverem para além dos seus meios; vantagens porque estimula a visão do mundo, os mapas culturais, as referências e interpretações. Neste sentido, a linguagem corrente aproxima-se cada vez mais da linguagem da televisão, e o vestuário traduz as imagens da televisão. A televisão surge assim como um dos elementos da sociedade e da cultura de consumo actuais que promovem o consumismo (de bens, de estilos de vida, de substâncias, etc.).

Segundo Noelle Neumann a ubiquidade da televisão é um factor decisivo na diminuição da percepção selectiva. Assim, para a autora, a dependência dos *media* é quase total, para o conhecimento dos acontecimentos e para criar o ambiente que propicia a percepção das opiniões predominantes. Desta forma, acentuam no público o efeito espiral do silêncio.

A notícia em análise parece conciliar estas duas perspectivas. A imagem do bairro aliada à explicação fornecida pelo jornalista que, como mediador, se dirige ao público e confere uma orientação à reportagem. Esta orientação pretende situar os factos apresentados num contexto mais geral.

<sup>12</sup> Eco, U. (1987).

<sup>13</sup> Neumann, N. in Alonso, A. M. (1989) e in Wolf, M. (1994).

<sup>14</sup> Eco, U. (1987).

<sup>15</sup> Cashmore, E. (1994).

Relativamente a este enquadramento, John Birt e Peter Jay<sup>16</sup> defendem que o carácter superficial e descontínuo da informação televisiva pode dificultar a compreensão dos problemas da realidade social. Factor que se acentua com a reportagem que tende a concentrar-se sobre um aspecto de um problema importante, mais do que sobre o problema na sua totalidade. Concretamente nesta reportagem, a tónica foi colocada em situações ligadas ao consumo de droga num bairro – âmbito local; quando a temática da droga envolve uma dimensão muito mais alargada, quer a nível geográfico quer a outros níveis.

A reportagem transmitida pela TVI refere-se a uma informação local cujo interesse se centra essencialmente na cidade da Marinha Grande, mas que no âmbito nacional assume pouca expressão. Isto pode funcionar também como pista de explicação para a pouca relevância dada ao Plano de Intervenção face ao fenómeno da droga, pois a nível nacional o primeiro teria uma expressão menor que o segundo.

Outra característica a considerar em reportagem é a montagem. O que significa uma determinada selecção do material (audiovisual) recolhido dando origem a uma disposição. Tudo isto se desenvolve em paralelo com a narração que acompanhará as imagens. Daqui resulta uma determinada notícia cujo conteúdo apontará mais para o realce de determinado aspecto.

A montagem do material recolhido no Casal de Malta resultou no enfoque da droga no bairro. A comprovar esta ideia refira-se a entrevista às sociólogas responsáveis pela ADE.SER e pelo Plano Integrado de Intervenção. Estas entrevistas tiveram uma duração real de aproximadamente 15 minutos, cada. Durante este tempo foram colocadas várias questões sobre droga no bairro em relação às quais se tentou explicar que não faziam parte do âmbito de um projecto de prevenção primária. Além disso, ir-se-ia realizar um estudo complementar de caracterização da população do bairro, onde talvez se conseguissem identificar algumas situações ligadas a problemas (droga, entre outros). Apesar de todas as explicações o enfoque da reportagem foi a droga, mais do que o projecto.

Mesmo ao nível dos objectivos, o Plano foi apresentado de forma pouco rigorosa. Como já antes foi referido, e só para reforçar a ideia (agora a propósito da montagem) um projecto que se auto posiciona numa vertente de prevenção primária é apresentado como um "combate à droga sem tréguas e em todas as frentes". A equipa de reportagem teve acesso à documentação distribuída na conferência de imprensa em que se definia a prevenção primária tal como era entendida na coordenação do projecto. Daqui se pode entender que estes "ajustes" visavam servir os objectivos da orientação conferida à recolha da restante informação e respectiva montagem.

Na reportagem tomou-se a parte das situações ligadas à droga pelo total da realidade do bairro. Qualquer selecção envolve interpretação. No entanto há outro aspecto a ter em conta é que quando os jornalistas tiveram o primeiro contacto com o projecto eles próprios foram receptores de uma mensagem. Talvez a sua percepção selectiva tivesse influenciado – por efeitos de proximidade ou outros – a orientação adoptada na reportagem.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Em Lopes, V. (1992).

<sup>17</sup> Santos, R. (1997).

Na montagem há pois que ter em conta o paralelismo entre texto e imagem. Esta última remete finalmente para o quarto aspecto a considerar como complemento da questão principal deste trabalho.

Um dos princípios básicos da transmissão de notícias por televisão é "informar mostrando".<sup>18</sup> Neste sentido, Walter Sampaio defende que uma notícia televisiva deve ajudar "... a ouvir o que vemos e não a ver o que ouvimos, porque a imagem visual é sempre, e sempre, mais poderosa."<sup>19</sup> É esta forte presença da imagem nas sociedades contemporâneas (e que ultrapassa o domínio da informação) que leva alguns autores a falarem de "civilização da imagem", "iconosfera".

Esta comunicação por imagens, na perspectiva de alguns autores (Gillo Dorfles, Umberto Eco, Noelle Neumann), tende a ser redutora das capacidades críticas do receptor. Designadamente através da imposição de uma imagem como evidência do real, quando na realidade se trata (como referido) da apresentação de um facto particular, isolado do seu contexto e ainda alvo de selecção, interpretação. Ainda através da sensação de diálogo que é criada com o telespectador dando-lhe uma falsa ideia de participação no acontecimento relatado.

São estes os principais problemas que se colocam ao nível da imagem como informação/comunicação. E são também estas as questões que se podem identificar na notícia em análise. Assim, as imagens recolhidas no bairro e apresentadas na reportagem, deram uma percepção da sua realidade que foi apreendida como evidente mas que corresponde apenas a uma parte dessa realidade. Outros aspectos foram descurados em detrimento dos relacionados com a droga, que foram ainda reforçados pelo testemunho de habitantes do bairro.

Mais uma vez a partir das reacções à reportagem podem retirar-se pistas que vão ao encontro daquilo que se tem vindo a referir. Desta reportagem resultou uma sensação generalizada de que aquela era a realidade do bairro. Sensação apenas contrariada pelas pessoas mais ligadas ao Casal de Malta, que sentiram que muito tinha ficado por referir.

Esta proximidade remete ainda para as condições referidas por Noelle Neumann para a existência de alguma percepção selectiva e que têm basicamente a ver com um conhecimento prévio do objecto da informação.

Genericamente todos estes aspectos se entrecruzam na questão definida como central. Pelo que a distinção apresentada tem um carácter meramente analítico. A partir daqui é agora possível, de uma forma mais integrada, apresentar-se uma breve síntese, com o objectivo de clarificar as conclusões que esta análise permitiu.

## CONCLUSÕES

É possível identificar uma espécie de competição entre o jornalismo escrito e televisivo. Embora diferentes, estes dois complementam-se.

<sup>18</sup> Na expressão de Victor Lopes (1992).

<sup>19</sup> In Idem – pp.133.

A televisão e mais concretamente a informação televisiva atinge as grandes massas e apresenta-se-lhes como presencial dos factos. As características específicas da televisão separam-na dos outros media e permitiram que se convertesse num importante instrumento formativo e informativo.

Também neste estudo se pode identificar um certo destaque da informação televisiva face à escrita. Destaque que está certamente relacionado com o contexto de produção de umas e outras notícias, com as especificidades técnicas de cada um dos media, com o facto de o canal televisivo ser nacional e a imprensa ser regional. Mas que é também confirmado pela análise em paralelo dos aspectos concretos relativos aos eixos teóricos inicialmente definidos como condutores da análise – comunicação/informação, impacte da mensagem, imprensa e televisão/imagem.

Centrando agora a atenção na informação televisiva importa reter alguns aspectos fundamentais, ao nível da continuidade da notícia. Isto é, confrontando aqueles que eram os objectivos do projecto de intervenção sócio-cultural a desenvolver num bairro social da Marinha Grande com o conteúdo da notícia tal como foi transmitida pela TVI no seu principal serviço noticioso.

De um tal confronto ressalta a existência de duas notícias autónomas sobre o mesmo bairro (Casal de Malta). Na primeira descreve-se uma situação perfeitamente caótica de consumo de substâncias ilícitas, vivências de marginalidade e sofrimento. Na segunda refere-se um projecto que se propõe intervir naquela situação.

As descontinuidades ganham visibilidade depois de um segundo olhar mais atento, após o qual se pode constatar que o discurso da coordenação do projecto não tem a dimensão referida no discurso jornalístico e sugerida pelas imagens. Naquela realidade apresentada ao país um projecto de intervenção com objectivos ao nível da prevenção primária não faria qualquer sentido. Impunha-se realmente como era referido pelo repórter um "combate em todas as frentes", o que poderá significar complementar a prevenção primária com tratamento e reinserção social de toxicodependentes.

Também na imprensa surgiram notícias com referência a este tipo de situações, apresentadas como a realidade do bairro, embora com excepções que, mais uma vez refira-se, se podem ter ficado a dever à especificidade do contexto em que foram produzidas: apresentação à imprensa escrita e reportagem da televisão.

O contexto em que o Casal de Malta apareceu inserido pertence ao domínio da realidade mediatizada que se afigura como evidência do real.<sup>20</sup> Esta imagem é generalizada na comunidade exterior, próxima do bairro. E foi bem expressa na carta de um leitor a um jornal, onde a reportagem era definida como sendo um mero retrato da realidade daquele bairro. Trata-se de uma selecção de aspectos que é entendida como sendo o conjunto de todos os aspectos da realidade.

Ora, sendo objectivo do projecto começar por valorizar os aspectos positivos do bairro, investindo em pessoas e situações que nada têm que ver com práticas ilícitas, e tendo este propósito sido brevemente (na reportagem) referido pelas responsáveis do projecto, a clivagem entre os dois discursos é enorme.

O fosso é ainda acentuado pelo poder das imagens que reforça o discurso jornalístico, retirando praticamente todo o significado ao discurso que era aquele que traduzia o propósito da intervenção em Casal de Malta e retirando praticamente toda a visibilidade às outras dimensões que compõem a realidade daquele bairro.

Só a consideração analiticamente autonomizada numa primeira fase e integrada nesta permite perceber as especificidades associadas a este declive. Aqui reside o ponto-chave desta análise, na medida em que permite voltar a colocar a um outro nível a questão da interacção entre processos de produção e recepção de mensagens.

Importa considerar alguns aspectos fundamentais a estes dois níveis. Note-se que estes aspectos vão apenas ser enumerados para efeitos de sistematização, uma vez que se encontram desenvolvidos no decurso do trabalho, nos pontos anteriores.

Relativamente aos processos de produção:

- O facto da reportagem ter sido imposta pelo canal de televisão à ADE.SER; caso recusasse colaboração a reportagem seria igualmente realizada, mas sem as entrevistas;
- O objectivo inicial da reportagem era o de retratar um bairro onde a droga fazia parte do seu quotidiano, objectivo bem expresso na entrevista realizada ao nível da coordenação do projecto; nas personagens entrevistadas e nas questões colocadas. Por exemplo, não se questionou uma pessoa que revelasse não ter qualquer relação com a droga no sentido de apurar da necessidade de iniciativas capazes de promover a capacidade de manter esse afastamento.

Relativamente aos processos de recepção:

- A percepção de evidência de parte do real como um todo estático. O que dificultou o entendimento desta dissonância. Dificultou ainda a percepção da existência de outras dimensões da vida e da realidade do bairro que ficaram por referir;
- O sentimento de revolta face a uma reportagem que deixou a sensação de estar incompleta, mas também face a uma Associação que ao entrar no Casal de Malta faz recair as atenções sobre os aspectos mais negativos do bairro, apesar de se apresentar com objectivos diversos;
- O clima de agitação que se vivia na Marinha Grande, devido à crise da indústria cristaleira e vidreira, e que tinha já dado origem a outras reportagens sobre aspectos negativos da realidade marinhense. O que contribuiu para a percepção de se estar a constituir uma imagem negativa desta cidade para o exterior.

Foi precisamente a recepção no próprio bairro que mais preocupou a ADE.SER, pois toda a acção foi questionada e posta em causa pela comunidade local. Houve necessidade de clarificar a situação prestando esclarecimentos junto das estruturas da comunidade local que se tinham proposto colaborar no projecto – Escola, Colectividade, Pais – e outros que pontualmente se dirigissem a algum dos elementos da coordenação. A situação foi controlada quando a ADE.SER pediu uma oportunidade para provar com as acções quais eram realmente os seus objectivos.

<sup>20</sup> Eco, U. (1987).

Feito o balanço de um ano de acção os resultados puderam considerar-se positivos, no entanto esta interacção foi bem complicada, tanto mais pela fase inicial em que se encontrava o Plano Integrado de Intervenção no Bairro Casal de Malta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, A. M. (1989), *Política y Nueva Comunicación – el impacto de los medios en la vida política*, Madrid, Fundesco.
- BRETON, P. (1992), *A Utopia da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- CASHMORE, E. (1994), ... *and there was Television*, Londres, Routledge.
- CONDE, I. (1998), «Contextos, Culturas e Identidades» in Viegas, J. M. L.; Costa, A. F., *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta, pp. 79-118.
- COSTA, A. (1992), *Sociologia*, Lisboa, Difusão Cultural.
- DORFLES, G. (1965), *Novos Ritos, Novos Mitos*, Lisboa, Edições 70.
- ECO, U. (1987), *Apocalípticos e Integrados*, São Paulo, Editora Perspectiva.
- LOPES, V. (1992), *Iniciação ao Jornalismo Audio Visual*, Lisboa, Quid Juris Editora.
- PEREIRA, I. (2003), «Construção identitária em rede» in Cordeiro, G. I.; Baptista, L. V.; Costa, A. F., *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta, pp. 157-166.
- PONTE, C.; CABRERA, A.; SANTOS, R. (1997), *Representações da Toxicodependência – Imagens da Toxicodependência nos Media: Análise do Discurso Jornalístico*, Lisboa, Observatório Vida, Policopiado.
- PONTE, C.; CABRERA, A.; SANTOS, R. (1998), «O Discurso Jornalístico Sobre Toxicodependência e Droga», *Revista Toxicodependências*, Vol. 4, N.º 1, Ministério da Saúde – Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência, pp. 83-90.
- SANTOS, R. (1997), *A Negociação entre Jornalistas e Fontes*, Coimbra, Minerva.
- WOLF, M. (1994), *Los Efectos Sociales de los Media*, Barcelona, Ediciones Paidós.

25 de Outubro de 2003 (Sábado)

Tema: "A Política e a Economia na Dinâmica Regional"

9h30 – Introdução à temática

Orador: Alda Mourão

ESEL – Escola Superior de Educação de Leiria

10h00 – "A formação dos gestores na economia do conhecimento"

Orador: Mário Murteira

ISCTE – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

10h30 – Debate

11h00 – Pausa para café

11h15 – Comunicações Livres

### Auditório 1

"Empresas e empresários: construção e estratégias de afirmação na região de Leiria (1870-1914 e 1980-2000)"

Alda Mourão (ESEL)

"A dinamização do tecido empresarial na região de Leiria"

Celeste Frazão (ESEL)

"Cluster" de Produtos, Uma Diferença Qualitativa"

Henrique Neto (Iberomoldes)

"Regiões político-administrativas e gestão do território"

António Salvador (Arquitecto)

Moderador – Rogério Costa

ESEL – Escola Superior de Educação de Leiria

### Auditório 2

"As Instituições de Ensino Superior como catalizadoras de identidade regional"

João Paulo Marques (IPL)

"A URL – Universidade da Região de Leiria – como eixo construtor da região"

Ricardo Vieira (ESEL)

"A influência do associativismo regional e da cooperação política no desenvolvimento económico da região"

José Ribeiro Vieira (Movicortes e NERLEI)

"Áreas Metropolitanas e Comunidades Intermunicipais – equívocos e interrogações"

José Manuel Silva (ESEL)

Moderador – José Trindade

ESEL – Escola Superior de Educação de Leiria